

A MORTE E A FLOR DO CERRADO

Anne Carolina Augusto de Souza¹

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba²

Nos últimos seis anos de guerra, trabalhei exaustivamente. Contudo, após o estabelecimento da paz mundial devido à rendição alemã, decidi descansar no cerrado brasileiro. Em minhas andanças, deparei-me com uma cidadezinha a qual chamou minha atenção; era conhecida como a Princesinha do Rio Paraguai. É válido ressaltar que além da cidade, uma menina encantou-me, a chamaremos de Flor do Cerrado. Rara, delicada e de aspecto peculiar. Ah, perdão, ainda não fomos apresentamos!

—Prazer sou a inevitável, a iniludível, a indesejada... Sou a Morte.

Meu caro leitor, a história se inicia em uma manhã de outubro, no ano de 1945, mais precisamente em uma sexta-feira, quando resolvi passear pela cidade. Eu já conhecia Cáceres, a Princesinha do Pantanal, visto que o meu trabalho é um dos únicos que permite conhecer o mundo como a palma da mão. Entretanto, outrora, não tive tempo para apreciar a brisa gélida do Rio Paraguai, os lindos Ipês nas praças e ruas do centro da cidade, e os costumes do povo pantaneiro. Não tive culpa, minha agenda estava lotada. Porém, nessa segunda passagem por Cáceres, eu só queria aproveitar a estadia. E, em uma tarde serena, a Flor do Cerrado cruzou meu caminho.

Ela estava apressada, com cara de preocupada e com muitas sacolas cheias de frutas. Achei interessante a sua fisionomia, algo nela lembrava-me um menino que encontrei há alguns anos. Fiquei intrigada com tal semelhança e resolvi segui-la para observar. Preciso ressaltar outro fato sobre mim: adoro os humanos, é tanto amor não correspondido que chega a doer. Às vezes, quando a vida fica com saudade de nossos momentos juntos, ela me dá de presente algumas pessoas, de tão especiais que são, envia-me com todo o amor e cuidado. Eu as guardo

¹ Aluna da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Imaculada Conceição e autora do processo criativo do conto. E-mail: annecarolina1947@gmail.com

² Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, vinculado à linha de pesquisa: Estudos de Processos de Práticas Sociais da Linguagem. Mestre em Linguística e Graduado em Letras /Inglês pela mesma instituição. Professor de redação e literatura do Colégio Imaculada Conceição. Orientador e colaborador da produção escrita do conto. E-mail: adson.seba@unemat.br

para sempre. Bem... essa história é para outro momento. Atentemo-nos para a minha nova atividade: observar a menina.

Ela continuou andando por mais uns minutos, em seguida parou em uma casa e chamou por seus irmãos. O portão abriu e entramos. Assim que entrei me deparei com um anjo. Era Nathanael, ao lado de um senhor de 40 anos. O anjo, que era velho conhecido meu, perguntou-me o que fazia naquela casa, visto que seu protegido ainda estava sob seus cuidados. Expliquei-lhe a situação e ele disse-me para observar não apenas a Flor, mas todo o canteiro. Nathanael estava certo, o canteiro era maravilhoso, mas uma das flores estava adoentada, e torci para não ter que visitar aquela família com hora marcada. Continuei a explorar a casa e procurar por aquele lindo brotinho que desabrochou no solo ácido. Para o meu espanto, ela se virou, sorriu tristemente, e disse-me:

—A senhora veio buscar a Lota?

Eu não sabia o que dizer. Nunca nenhum humano tinha me visto até minutos antes de sua própria partida. Certifiquei-me que não era com outra pessoa que ela estava a conversar e antes de responder, perguntei:

— Quem é Lota?

A menina respondeu com ar tristonho:

— É a minha cadelinha, ela ficou adoentada desde ontem à tarde e não melhora.

Dei uma rápida conferida na lista, e por sorte, o animalzinho não estava convocado ao sono eterno; respondi que não estava lá para levar alguém, apenas para observá-la, e comentei da semelhança com o menino de outrora. Percebi um alívio da parte dela; questionei se ela não sentia medo de conversar comigo, ela disse que não. Fiquei ainda mais surpresa, sorri e saí do cômodo. Despedi-me do Anjo amigo e segui meu caminho.

Na madrugada do domingo, resolvi perambular pelo hospital do centro da cidade; era um ambiente de calma, mas de muita tristeza. As pessoas iam e voltavam, algumas tomavam chá com pão no café da manhã, enquanto outras não comiam nada, talvez por desgosto. Andei pelos gélidos corredores até me deparar com um quarto de Unidade de Terapia Intensiva (a UTI) e encontrei ninguém mais que a Vida a caminhar por entre os leitos. Perguntei o motivo

de estar ali. Ela me respondeu com uma piada infame que estava morta de saudade e decidiu me dar um novo presente. Levou-me para um leito isolado e disse-me:

—Este é um dos mais raros e preciosos presentes que já te dei, como prova do meu amor, até hoje. Peço que cuide e guarde com todo o carinho, pois é um dos humanos mais especiais que já vi em todo o mundo.

Para a minha surpresa, era o senhor de 40 anos, pai da Flor do Cerrado. Não sabia o que dizer, como eu poderia recebê-lo? Ele era o protegido de Nathanael e o amor da vida de dona Sebastiana, a sua esposa. Não resisti e caí em prantos. A Vida mais do que depressa enxugou as minhas lágrimas, consolou-me, e disse-me que não era necessário ficar preocupada, visto que o Anjo também concordou com o presente, pois era para o bem de seu protegido. Questionei a respeito de Flor, eu realmente não sabia o que dizer, e ele sugeriu-me deixar um bilhete a ela:

“Há muitos anos, antes da terra ter o seu firmamento, e as águas se juntarem, a Morte e a Vida se apaixonaram. No entanto, não poderiam ficar juntas. Desde então, a Vida envia pessoas especiais para a Morte como presentes para demonstrar o seu amor, e desta forma a Morte os guarda para sempre. Flor do Cerrado, eu sei que não parece certo dar algo que não é seu, mas peço-lhe que lembre-se de que todos têm um propósito. O de seu pai foi realizado e assim como ele era um presente para o seu canteiro, será também, um dos presentes mais valiosos para mim e estará bem cuidado comigo, prometo! Perdoe-me!

Morte.”

Deixei o bilhete em cima da cama de Flor, e antes que eu pudesse sair, ela me viu e perguntou com aquele jeito de menina acanhada:

— Dona morte, eu não poderia trocar de lugar com o meu pai? Eu prometo que não conto “pra” ninguém que a senhora colocou o meu nome na lista e retirou o dele.

Ela ofereceu o seu sopro de vida em troca do dele. Meus olhos encheram-se d’água, não era possível, nem era eu a responsável, nem a Vida ou o Anjo. Eram ordens de cima, não podia descumprir, o máximo que eu podia fazer era manter a minha promessa. Ficamos uns minutos em silêncio e disse-lhe:

— Oh, minha rara Flor do Cerrado, sinto muito, mas não posso fazer trocas, porque não sou eu que decido. Apenas concluo ordens que me foram atribuídas.

Ela me abraçou e chorou. Nesse mesmo instante senti uma mão no meu ombro, era o anjo Nathanael. Ele olhou em meus olhos, assentiu com a cabeça, abaixou-se até a delicada criatura e falou:

— Pequenina, sinto toda a sua dor e tristeza; mas não há muito o que fazer, ordens são ordens. E de forma alguma a vida retiraria do canteiro a Flor mais linda, rara e delicada do jardim sem ao menos ter desabrochado por completo as suas pétalas e exalado o seu perfume. A menina, então, entendeu que seu propósito não estava completo, sorriu tristemente, me abraçou, e se despediu.

Incomum as reações de Flor do Cerrado, pois poucas pessoas possuem sensibilidade o bastante para me enxergar e menos ainda para me compreender. Disse-lhe adeus e segui o meu caminho, rumo à Poconé.

Recebido em 16 de janeiro de 2021
Aceito em 15 de março de 2021